

Dólar teve valorização de 50,18%

CRISTINA BORGES

Um ano depois das incompreensíveis bandas endógenas que detonaram a escalada do dólar, a moeda americana ficou 50,18% mais cara ou o real desvalorizou 33,41%, desde o dia 12 de janeiro de 1999 até ontem. O fato positivo do empobrecimento do país é que a mudança cambial desarmou a armadilha do dólar para controlar a inflação, avalia Reinaldo Gonçalves, professor titular de Economia Internacional da UFRJ.

Sob o aspecto negativo, ele aponta a carga inflacionária trazida do ano passado para uma realidade de câmbio associado à grande volatilidade externa. "O governo desvalorizou a moeda, mas não mudou o fundamental", diz.

Ronaldo Guimarães, gestor de Renda Fixa da Liberal Asset Management, concorda que a taxa de câmbio passou a ser o grande indicador da volatilidade externa no lugar dos juros que, atualmente estão diretamente ligados à inflação. As incertezas da economia internacional, acrescenta, refletem-se rapidamente em oscilações bruscas da taxa de câmbio. A variação entre o fechamento do dólar comercial a R\$ 1,789, no último dia de 1999, e a cotação máxima de R\$ 1,85 deste ano, chegou a 3,41%.

A seu ver, a flutuação do câmbio ao sabor da pressão internacional foi responsável pela contrariedade das previsões de

maior tranquilidade no início deste ano, passado o risco do *bug* do milênio nos países emergentes que teve uma avaliação superdimensionada dos investidores externos. "Foi um período nervoso, provocado pela alta dos títulos de 30 anos do Tesouro dos EUA (T-Bond)", acrescentou.

O comportamento do mercado financeiro ontem, segundo ele, com as bolsas em alta, com a taxa do T-Bond cedendo de 6,73% para 6,65%, amenizou a preocupação com o risco de aumento dos juros básicos americanos.

Mas o pronunciamento de Alan Greenspan, presidente do Federal Reserve Board (Fed), esperado para ontem à noite, continha a ansiedade do mercado financeiro sobre um eventual indicativo sobre a economia americana, o mercado de trabalho e a inflação. O que se discute é a velocidade do aumento da taxa básica dos juros dos EUA (Fed fund), que estão em 5,5% ao ano. A expectativa é de um aumento de 0,75%, elevando-a a 6,25%.

Os economistas-chefes dos grandes bancos de investimento estão otimistas em relação à receptividade da comunidade financeira internacional a financiamentos ao Brasil. Um sinal de confiança será confirmado com a aceitação, a taxas razoáveis, da emissão soberana de 500 milhões de euros, anunciada pelo governo.

André Loes, do Banco Bozano, Simon-

sen, adverte para a necessidade de um ajuste fiscal mais sólido a médio prazo para consolidar o sentido favorável em relação ao país que se encontra no mercado internacional, diz ele. "Agora é bola *pra* frente. O período de desajustes grandes passou. As exportações já começam a reagir, o mercado externo mostra demanda por produtos brasileiros e as linhas comerciais retomam cada vez mais".

Como passivo da desvalorização, Loes aponta o aumento da dívida cambial que exige uma administração dia-a-dia do governo. Os efeitos cambiais ainda são sentidos, continua, afirmando que "certamente a meta inflacionária de 6% este ano, com tolerância de dois pontos acima ou abaixo, não será cumprida".

Mas a avaliação de Loes está longe de significar um descontrole da inflação, mesmo porque ao manter a meta de 6%, reforça, o governo opera expectativas. O economista-chefe do Bozano, Simonsen prevê, a médio prazo, uma taxa de inflação variando entre 5% e 10%, a exemplo de Israel. Loes lembra que aquele país passou por um processo bem sucedido de desvalorização cambial forte, em 1995, registrando atualmente uma renda per-capita de US\$ 15 mil, com inflação que às vezes bate 10%. Quanto a pressões por reajustes salariais, Loes descarta qualquer impacto inflacionário. "Pedir reajuste pela inflação passada existe em qualquer economia".